

Editoriais

Porque se escrevem editoriais? Lendo-os concluo que, salvo raras ocasiões de grande comoção em uma comunidade, são meras peças formais, que quase nunca refletem o verdadeiro pensamento de quem os escreve. Assim sendo, e estando sem vontade de escrever sobre a crise (!), escreverei (ou transcreverei) sobre os que escrevem editoriais.

“Falemos agora das artes. Como conceberam e transmitiram os espíritos tantos conhecimentos que passam por excelentes, senão pela sede da glória? É à força de vigílias e suores que os homens, mais loucos que todos os loucos, julgam obter a fama, a mais vã de todas as coisas. Deveis também à loucura as comodidades de que gozais e com que tirais partido da loucura alheia... É tão louco exprimir uma verdade intempestiva como é imprudente ser de uma sabedoria deslocada, que não se sabe acomodar às coisas tal como elas são, nem obedece aos usos, esquecendo a lei do banquete: “Bebei ou ide-vos embora”, e exigindo que a comédia não seja comédia. A verdadeira sabedoria consiste, visto que sois homens, em não procurar saber mais do que aquilo que está na natureza dos homens, em se submeter de bom grado à opinião da multidão ou em deixar-se arrastar nos erros. Mas, direis, isso é uma completa loucura! Aceito, conquanto que concordeis que é assim que se representa a comédia da vida”

Erasmus de Rotterdam in *Elogio da Loucura*, 1508.

Neste momento de muita confusão e incerteza (para usar palavras suaves) por que passa nossa comunidade, permitam-me os leitores, presto humilde homenagem a Erasmo (de Rotterdam).

J. V. Comasseto